





<sup>1</sup>Esses dois últimos textos fazem qualificações mais atuais às teses apresentadas pelo autor na primeira obra referida.

## Introdução

O retrato de um sujeito que age, aqui e ali, de maneira contraditória, frequentemente nos parece tão verossímil quanto o do sujeito cujas ações tendem a ser congruentes. Quem objetaria que é perfeitamente crível que ande entre nós uma personagem tal como o de um agente penitenciário que, sádico em seu trabalho para muito além do que suas tarefas o obrigam a ser, vê-se, logo que termina seu expediente, feito marido devoto e pai afetuoso? Não é, todavia, igualmente plausível conceber uma personagem como a do jovem que, estreando numa cena particularmente violenta do crime, veja os novos modos de proceder que são ali por ele cultivados transbordarem para o resto de suas relações?

Há, no entanto, um grande abismo entre essas duas imagens. Em um caso, entrevê-se a harmonia das disposições; no outro, tem-se algo que pode ser tomado, ao menos sob determinado aspecto, por um índice de incoerência. A composição dramática que formam, face a face, a adequação empírica (no mínimo aparente) de ambas as contas, de um lado, e a sua qua-

se oposição descritiva, de outro, demandam uma explicação.

É sobre uma das tentativas recentes de fornecer uma explicação para isso que o presente artigo se debruça. Apresentar-se-á, aqui, uma análise da alternativa crítica que Bernard Lahire propõe face à teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu.

Esta análise teve por base sobretudo a pesquisa de caráter bibliográfico – ou, o cotejamento de bibliografia publicada. O grau de sistematicidade na tematização de nossa questão foi o critério a guiar a eleição das obras desses autores que em cujo exame me deteria. Em primeiro lugar, garantiu-se que os textos em que o cerne de suas propostas teórico-metodológicas estava melhor reunido fossem tão finamente analisados quanto possível. Isso determinou que se desse especial atenção a *Homem Plural: os determinantes da ação* ([1998] 2002) e *El espíritu sociológico* ([2005] 2006) de Lahire, bem como sobre *O Senso Prático* ([1980] 2009), *An Invitation to a Reflexive Sociology* (1992) e *Meditações Pascalianas* ([1997] 2001), de Bourdieu<sup>1</sup>. Em segundo lugar, porque as duas obras anteriormente citadas de Lahire dei-

xam a desejar no que tange às ilustrações empíricas das teses que ele avança contra o modelo bourdieusiano da dinâmica e da conformação prática, deu-se atenção especial a *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais* ([2002] 2004) e a *A cultura dos indivíduos* ([2004] 2006). Sendo *A distinção: crítica social do julgamento* ([1979] 2008) não apenas a obra à qual a última dessas obras de Lahire anteriormente citadas quer responder, mas também a obra de maior fôlego empírico de Bourdieu, se a considerou também de maneira mais detida neste exercício. Adicionalmente, informações encontradas em outras obras desses autores, bem como comentários relevantes de comentadores, foram usados eventualmente e de acordo a necessidade ou o interesse que a análise provou que havia nisso.

A primeira seção deste artigo apresenta sumariamente a posição de Lahire quanto a nossa questão fulcral. Segue-se a isso um inventário de como este autor entende que Bourdieu a trata, coisa que dá ocasião a uma delimitação de sua crítica. Feito isso, consta, da terceira seção, a posição de Bourdieu segundo se a pode reconhecer,



<sup>2</sup>A opção por introduzir o debate partindo da posição de Lahire e não, como a princípio poderia parecer mais adequado, da posição de Bourdieu – dado que esta última não só lhe é anterior, como também tem inegável importância na gênese do modelo teórico-metodológico que informa a primeira – justifica-se pelo fato de que, não havendo resposta explícita ou oblíqua de Bourdieu à crítica tardia que Lahire lhe faz a esse respeito, a posição bourdieusiana no debate é uma ficção *a posteriori*; isto é, é mais uma derivação de uma questão posta, enquanto tal, por Lahire. Dado isso, creio que esteja justificado o ordenamento da presente argumentação.

<sup>3</sup>Esse alinhamento é, no entanto, como ficará claro ao longo desta exposição, apenas parcial. O autor desenvolveria sua própria proposta valendo-se de incursões em certa literatura

argumentar-se-á, para além da leitura que dela faz Lahire. Por fim, traça-se algumas considerações a respeito do alcance que a crítica a Bourdieu, feita por esse autor, parece ter sob a luz da presente análise, bem como algumas considerações sobre em que este debate específico poderia contribuir para o trato futuro da ação social e das disposições à ação.<sup>2</sup>

### A posição de Lahire

Lahire se alinha à sociologia relacional e disposicionalista de Bourdieu no que aquiesce, basicamente, a duas teses.<sup>3</sup> Uma delas reza que é analiticamente frutífero discriminar, de um lado, esquemas de ação incorporados por agentes sociais – as disposições – e, de outro, o contexto e as determinações extradisposicionais da ação. Na segunda tese, aposta-se em que conhecer o processo de inter-relação dialética entre essas dimensões seria essencial para dar conta da gênese e da configuração desses mesmos elementos em sua particularidade histórica e – como um desdobramento disso – também em sua genera-

lidade histórica (LARIHE, [2005] 2006, p. 94-96, 100-104).

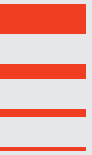
Isso, combinado à negação do autor de que haja qualquer coisa como um vácuo social (LAHIRE, [1998] 2002, p. 197-199, 608; LAHIRE, [2005] 2006, p. 117; LAHIRE, 2013, p. 22), indica que sua sociologia psicológica – ou, simplesmente, sociologia em escala individual (LAHIRE, 2013, p. 18) – pode ser compreendida, sem prejuízos, como uma parte mais radicalmente contextual ou situacionista de um programa mais amplo.<sup>4</sup>

De fato, Lahire não rejeita os modelos relativamente mais gerais e abstratos e concorda que estes tenham potencial para, ao simplificar um determinado conjunto de relações sócio-históricas, contribuir para sua compreensão (LAHIRE, 2013, p. 23). Todavia, ele quer escapar do que vê como sendo hiper-simplificações decorrentes da tomada inadequada desses modelos pela conta mais exaustiva dos fenômenos a que se referem (LAHIRE, [2002] 2004, p. X-XII, 44; LAHIRE, [2004] 2006, p. 593, 618; LAHIRE, [2005] 2006, p. 78-79, 82, 84, 86-88).

Em suas dimensões subjetiva e objetiva, instituições, grupos, classes, tipos de

interações etc. (objetos sociológicos que, segundo o autor, seriam hegemonicamente usados e reconhecidos enquanto tais) seriam como dobras específicas do social; dobras para cujo acesso são necessários instrumentos analíticos também específicos. Esses seriam necessariamente distintos, por exemplo, daqueles requeridos para evidenciar os processos que dizem respeito a dobras do social relativamente mais compactas, tais como os atores a que Lahire se refere como “indivíduos empíricos” e – o que é uma noção central para o problema do presente artigo – sua “intraindividualidade” (LAHIRE, [1998] 2002, p. 197-199; LAHIRE, [2005] 2006, p. 117). Estes últimos e suas histórias singulares nada mais seriam que a recomposição, em certo nível, daquilo que é institucional e cientificamente desdobrado de sua experiência: escola, família, sindicato, igreja, enfim, realidades estruturais de classe ou de coletivo (LAHIRE, 2013, p. 20). Se trata de pontos de vista complementares a respeito de uma mesma realidade. As variações, no entanto, importariam em muito para a análise e suas particularidades não poderiam ser ignoradas.<sup>5</sup>

Conduzindo pesquisas empíricas em



psicológica, sociolinguística, antropológica e filosófica que lhe dão insumo à crítica do projeto bourdieusiano.

<sup>4</sup>Esse diagnóstico ecoa Pontes (2009, p. 15), bem como Vandenberghe ([1999] 2010).

<sup>5</sup>Sobre isso, o seguinte trecho é bastante ilustrativo: “Quando se diz, por exemplo, que 52% dos jovens da camada dos altos funcionários e 66% dos jovens do meio operário foram a uma festa de feira nos últimos 12 anos e se comenta esses dados dizendo que ‘os jovens do meio operário distinguem-se antes de tudo por sua tendência a ir mais aos bailes públicos e às festas de feira’, muitos leitores pensarão espontaneamente, por economia interpretativa, em um jovem do meio operário que estaria voltado para (ocupado, interessado, envolvido por) a festa de feira e que se distinguiria de um outro

acordo com essa premissa, Lahire notaria que certos postulados sociológicos, tão comuns quanto premissas de consequências para as descrições e análises que os mobilizam, não se verificam. Dentre eles estaria a imagem das disposições como sendo internamente (ou intrassubjetivamente) coerentes quanto a suas propriedades ou, pelo menos, como sendo tendencialmente assim.

Os exemplos de disposições de propriedades “opostas” que Lahire apresenta talvez o elucidem melhor aquilo de que ele trata quando fala de incoerência ou coerência interna: iniciativa *versus* passividade, modos práticos de aprendizagem *versus* modos escolares pedagógicos, ascetismo *versus* hedonismo, disposições de planejamento *versus* disposições de espontaneidade, relação estrita e tensa com normas *versus* relaxamento, disposições culturais legítimas *versus* disposições culturais pouco legítimas, disposições estéticas *versus* disposições utilitárias, disposição à atividade pública *versus* disposições de disposição ao recolhimento e ao individualismo (LAHIRE, [2002] 2004, p. 26-7). Há que se notar, porém, que não se trata, simplesmente, de denominar a relação entre disposições

opostas, incongruentes ou incoerentes, ou, ao contrário, entre disposições coerentes, que sejam atualizadas por um sujeito durável da ação em contextos particulares e distintos. Nesses casos, é possível usar a constatação da aparência de oposição para refinar a descrição das propriedades das disposições em caso, podendo chegar, assim, à conclusão de que se tratava, em realidade, de um caso de atualização de disposições perfeitamente compatíveis.<sup>6</sup> A noção de incoerência disposicional pode, ainda, dizer respeito a casos de atualização simultânea ou, alternativamente, sucessiva (não-simultânea) num mesmo contexto – ou, para sermos mais exatos quanto ao que acontece em caso de atualizações sucessivas, num contexto aproximadamente igual.

Lahire sustentará, como alternativa à anteriormente mencionada representação comum em sociologia de que a coerência disposicional é a norma, que a multiplicidade e a incoerência intrassubjetiva seriam fenômenos comuns e que a virtualidade de sua verificação aumentaria em relação direta com o grau de diferenciação do ambiente em que as disposições se conformam e se atualizam (LAHIRE, [1998] 2002, p.

25,27; LAHIRE, [2004] 2006, p. 26).

Embora Lahire conceda que, mesmo em ambientes altamente diferenciados, haja alguma coerência entre os estruturantes ambientais das disposições (ambiente passado) e da ação (ambiente presente), bem como que há uma propensão, da parte dos atores, de evitar situações que apareçam a suas consciências como contrariando muito forte ou duravelmente seu programa de socialização incorporado, ele se distancia de Bourdieu no que nega que haja, em geral, a possibilidade de evitar reflexiva ou praticamente esse tipo de confronto (LAHIRE, [1998] 2002, p. 31,48). Em consequência dessa exposição efetiva, ele – o ator – não teria seus esquemas de ação, sentimento e cognição sucessivamente corrigidos para formar, a partir de um todo homogêneo anterior, um novo todo homogêneo. Sua hipótese é a de que, em realidade, se estocaria, num mesmo ator, esses esquemas em sua forma heterogênea ou contraditória (LAHIRE, [1998] 2002, p. 31).

Podemos entrever, em seu *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais* ([2002] 2004), ilustrações do que se supõe que sejam casos de incoerência



jovem da camada dos altos funcionários muito mais ‘dotado’. É preciso, entretanto, resistir a esses desvios interpretativos, pois a verdade dos fatos é que 52 a cada 100 jovens da camada dos altos funcionários e 66 a cada 100 do meio operário são estritamente equivalentes do ponto de vista da frequência à festa de feira (...). Os grupos sociais se dividem em subgrupos de praticantes, mas não os indivíduos que os compõem, e não se pode desviar do grupo para o indivíduo por analogia sem cometer graves erros de interpretação” (LAHIRE, [2004] 2006, p. 610-1).

<sup>6</sup>Lahire o faria no seguinte trecho: “Imaginemos que se constate em um indivíduo um processo de atualização/suspensão do hábito de organização do tipo: organizado em seu trabalho/desorganizado em casa. Isso significa, primeiramente, que a propensão à organização não é

disposicional, bem como ilustrações do modo de proceder de Lahire na análise de seu objeto. Nesta obra, Lahire reuniria oito estudos de caso construídos a partir de entrevistas em profundidade, conduzidas de modo a pôr em jogo certos pontos geralmente subdesenvolvidos na tradição disposicionalista nos estudos sociais (LAHIRE, [2002] 2004, p. 32,38).<sup>7</sup> Busca-se, por exemplo, a devida discriminação e a devida exposição das condições de gênese das disposições. Lahire proporia, a partir dessas experiências, que é útil distinguir entre socialização por treinamento direto, socialização por efeito difuso e socialização por inculcação ideológico-simbólica (LAHIRE, [2002] 2004, p. 27,335). Em casos concretos, as disposições que, num mesmo ator, são fruto de um desses tipos de socialização não seriam forçosamente coerentes com aquelas que não são fruto de socialização de outro tipo (LAHIRE, [2002] 2004, p. 335).<sup>8</sup> Lahire daria atenção, também, a partir daí, à apetência, ao desgosto ou à indiferença que acompanhariam a atualização de disposições, posto que estes sentimentos podem indicar, a seu ver, seja desajustes entre as disposições incorporadas

e a configuração da situação ao todo ou, especificamente, entre suas disposições e a configuração das disposições da pessoa com que interagia no momento; seja simplesmente que há, num mesmo ator, vontades autoinibidas (LAHIRE, [2002] 2004, p. 28,30).<sup>9</sup>

Outras ilustrações empiricamente ricas da posição do autor podem ser encontradas, também, em *A cultura dos indivíduos* ([2004] 2006). O repertório de dados quantitativos ali recolhidos mostraria, em resumo, que, caso se considere, na análise, conjuntos de pelo menos três produtos ou atividades culturais realizados por cada sujeito empírico, os perfis culturais individuais ou coletivos heterogêneos no que diz respeito à legitimidade ou ilegitimidade de seus elementos costumam ser *majoritários* para toda a população de pesquisa, seja cada sujeito que a compõe considerado individualmente, seja a população considerada dividida em grupos (LAHIRE, [2004] 2006, p. 17,154-65,168, 175).<sup>10</sup> Na fase qualitativa de sua pesquisa, Lahire confirmaria a mesma tendência por meio de uma avaliação das práticas e gostos individuais mais sensível à relação que cada sujeito

tem com cada prática sua – isso, com base na frequência com que se engaja nela, em que circunstâncias e com que finalidade (por exemplo, apenas quando acompanhado e para agradar a companhia), pelo modo como ele mesmo a avalia etc. (LAHIRE, [2004] 2006, p. 218).<sup>11</sup>

À medida que essa apreciação de Lahire a respeito da configuração coerente ou incoerente das disposições intrassubjetivas é desdobrada, nota-se que ela envolve, necessariamente, o delineamento de posicionamentos a respeito do caráter reflexivo ou não-reflexivo da atualização e da incorporação dos esquemas de ação, bem como a respeito do peso da experiência passada em comparação com o peso da experiência imediata na conformação da ação. No que segue, toco no que desses pontos é essencial fazer notar para que se compreenda o modelo do autor, antes de passar à exposição da posição de Bourdieu.<sup>12</sup>

Lahire concorda com Bourdieu quanto a que seria mormente pela capacidade de encontrar prática e globalmente, e não intencional e analiticamente, a semelhança entre a situação presente e as experiências passadas incorporadas que o ator pode



'geral', mas que pode encontrar áreas de ativação e áreas de suspensão (...). É possível, a partir dessa constatação, interrogar-se sobre a razão dessa variação em função do contexto e, por exemplo, levantar a hipótese de que a origem da variação constatada é o universo social (profissional ou doméstico). Pode-se ir até mesmo mais longe, imaginando que o contexto impositivo do universo profissional (...) é o que leva esse indivíduo a executar gestos de organização, enquanto o contexto familiar, vivenciado como menos impositivo, não o impele aos mesmos atos. [Este seria um caso de desenvolvimento da análise no sentido de aceitar que se trata de disposições incoerentes.] Mas imaginemos que, não somente o entrevistado nos fale de seu 'apreço' (e não de sua obrigação) pela organização do trabalho (o que o distinguiria de todos aqueles que não têm nenhuma apetência

mobilizar as competências que permitiriam que ele aja de maneira mais eficaz (LAHIRE, [1998] 2002, p. 69). Esse raciocínio prático do tipo "isso se parece com" seria, comumente, aproximativo e variável, podendo perfeitamente negligenciar certos traços da situação em curso para reter apenas um esquema relacional geral, como também se ater a um detalhe totalmente descontextualizado do conjunto da situação (LAHIRE, [1998] 2002, p. 69-70).

Em consequência, embora Lahire ainda frise a importância da participação ativa do sujeito no permanente trabalho de compromisso simbólico e afetivo necessário para que a interiorização nele de disposições seja exitosa, na grande maioria dos casos, a situação, enquanto encontro do passado experimentado (estoque de disposições incorporadas) com as potencialidades do ambiente em que se põe no presente, que teria mais peso em conformar a ação (LAHIRE, [1998] 2002, p. 53, 194, 256).<sup>13</sup> Não obstante isso, esse tipo de *hábito não reflexivo* seria frequentemente retificado, corrigido e controlado pelo desencadeamento situacional de *hábitos de reflexão* e isso *no próprio tempo*

*da prática*, pois as circunstâncias da ação raramente permitiriam que a consciência se ausentasse completamente. Em realidade, a questão da intencionalidade ou da não-intencionalidade, bem como da consciência ou da ausência de consciência, não se coloca, para Lahire, de maneira geral ou absoluta na ação, mas depende sempre da sequência da ação considerada: haveria menos intencionalidade e consciência na ação quando esta fosse em sua duração, em sua complexidade, em sua recorrência, tendente a níveis extremos – seja por aproximar-se da falta (p.ex., ações de curtíssima durabilidade) seja por aproximar-se do excesso (p.ex., ações muito recorrentes) (LAHIRE, [1998] 2002, p. 152-3). Aos cursos de ação medianos no que tange a essas mesmas propriedades corresponderiam, então, graus também medianos de reflexividade e intencionalidade.

A capacidade de ativar um hábito reflexivo nesses moldes, e, em especial, de julgar e mesmo corrigir, graças a isso, uma ação corrente para que se adapte melhor às exigências contextuais, cria, porém, uma dificuldade para o esquema de Lahire. Em seu *Homem plural: os determinantes da*

*ação*, o autor é explícito quanto a acreditar que, quando uma determinada situação evocasse apenas algumas das disposições com que o ator social conta, suas demais disposições permaneceriam afastadas não só da prática, mas também do juízo (LAHIRE, [1998] 2002, p. 37-9). Essa retirada à consciência seria, para Lahire, um dos fatores que permitiriam que um ator social incorporasse esquemas de ação contraditórios sem que estes fossem necessariamente produtores de sofrimento psíquico para ele (LAHIRE, [1998] 2002, p. 41).

Essa caracterização leva a crer que Lahire aceitaria que o ator comum simplesmente se esquece de esquemas de agir, sentir ou pensar mobilizados inclusive num passado bastante próximo, caso eles não estejam sendo atualizados no presente imediato. Seria assim, inclusive, que, a seu ver, "o sentimento de uma grande coerência identitária pode provir de indivíduos com um patrimônio de disposições muito heterogêneo" (LAHIRE [2002] 2004, p. 137-138).

Embora o autor não seja explícito quanto ao que garante a autocorreção reflexiva bem-sucedida, pode-se supor que esses exemplos se encaixem nos seguintes



por isso), mas que se descubra, paralelamente, certas práticas de organização espontâneas (não impostas) dentro do universo doméstico (arrumação minuciosa das ferramentas e das peças de uma pequena oficina de conserto de pequenos objetos de todo tipo: relógios, motores etc.). Somos levados, então, a reorientar a interpretação, ou melhor, a precisá-la, considerando a natureza dos objetos organizados. Descobrimos, ao mesmo tempo, que o que esse indivíduo não organiza são objetos domésticos geralmente pouco valorizados pelos homens e que, no final das contas, apenas delega esse ‘trabalho sujo’ à sua mulher, ao passo que os objetos profissionais ou os objetos pessoais da oficina de bricolagem, organizados, lhe parecem mais atraentes ou mais nobres. (...) Em tal caso, o comportamento de organização dessa pessoa é produto da combinação de suas disposições:

casos: trata-se ou de substituir um esquema por outro que, conquanto lhe seja distinto, não lhe é contraditório; ou tratava-se de substituir um esquema por outro que, ali, conduz apenas a conflitos parciais e irrelevantes à eficácia da ação em causa. É que o autor concederá que esquemas contraditórios podem coexistir pacificamente quando se exprimem apenas em contextos sociais distintos, mas também quando conduzem apenas a conflitos parciais em tal ou qual contexto (LAHIRE, [1998] 2002, p. 41). Do contrário, a ilusão identitária da unidade de si passaria a ser impossível e a incoerência psíquica provocaria, dirá Lahire, hesitação, inação e sofrimento (LAHIRE, [1998] 2002, p. 41-3).

Esse tipo de situação de embaraço, paralisia ou dor aconteceria mais frequentemente, ou mais gravemente, segundo Lahire, em casos em que o ator é submetido precocemente a experiências socializadoras sistematicamente contraditórias (em termos, por exemplo, de exigências familiares, profissionais, e associativas) e, sobretudo, quando estas provocassem uma tendência de bipolarização de seus esquemas de ação (LAHIRE, [1998] 2002, p. 42).

Trata-se, portanto, da externalização de disposições que provocam conflitos relevantes para a eficácia da ação porque, no primeiro caso, se conforma quase o total das disposições mobilizáveis sob essa chave de incongruência com referência umas às outras (embora não necessariamente sobre uma chave de bipolarização); ou, no segundo caso, porque conforma-se uma contradição fundamental entre dois conjuntos disposicionais, sem que se conte, alternativamente, com disposições que se relacionassem de maneira diferente do pleno acordo ou, ao contrário, da plena discordância (bipolarização).

### **A posição de Bourdieu, segundo Lahire**

Lahire, como Boltanski ([2009] 2010), acusaria Bourdieu de ter falhado em dar conta da normalidade do recurso à reflexão (LAHIRE, [1998] 2002, p. 156). Transpondo inapropriadamente a lógica da ação que é levada a cabo em situação de urgência prática para dar conta de todas as ações e privilegiando injustificadamente, em sua análise, episódios de ineficácia da ação que

definem crises grandiosas, ligadas a transformações importantes de posições sociais, Bourdieu postularia que ação e reflexão são movimentos que impõem dificuldades um ao outro (LAHIRE, [1998] 2002, p. 48-9, 152, 156).

O fato de considerar mormente não as crises pequenas e médias, mas, ao contrário, as olímpicas, teria implicações também para a avaliação da intensidade e da frequência com se internalizam ou externalizam disposições incongruentes. Ao trabalhar tão somente com casos de extraordinário deslocamento social – o que é o caso dos trânsfugas de classe (BOURDIEU, 1989) – e com casos de patologia mental e sofrimento identitário – como nos de divisão do eu (*clivage du moi*) (BOURDIEU, [1997] 2001); – para dar conta desse tipo de fenômeno, Bourdieu teria deixado de atentar tanto para o quão frequentes, cotidianos ou, em uma palavra, normais, são os pequenos deslocamentos sociais, quanto para o quão disseminadas são as breves e inócuas atualizações e incorporações de esquemas diferentes e incongruentes num mesmo ator (LAHIRE, [2002] 2004, p. 325; LAHIRE, [2004] 2006, p. 351-2).



uma disposição (associada a um apreço) à percepção dos objetos a serem organizados como mais ou menos dignos de si” (LAHIRE, [2002], 2004, p. 327).

<sup>7</sup>Embora reconheça que os entrevistados selecionam os relatos que dão de si para formar algo mais ou menos coerente e representativo do que julgam ser a chave interpretativa de suas vidas e que isso faz par, ainda, com a tendência que há, da parte do pesquisador, de registrar esses relatos como narrativas de uma estória coerente, ao ver de Lahire, o recurso às entrevistas em seu favor o fato de que, à medida que se multiplica o volume de relatos coletados para o mesmo caso ou à medida que são feitas perguntas que não entram em seu campo de consciência e interesse espontâneo, seria difícil, tanto para o entrevistado, quanto para o entrevistador, seguir ignorando os limites dessa

Para além do viés empírico-metodológico que teria levado Bourdieu a frisar a coerência disposicional, bem como o império da pré-reflexividade, há que se citar que certos entraves ao alcance de outra conclusão podem ser reputados ainda a aspectos substantivos de sua teoria. O *habitus* é evocado por este autor, Lahire lembraria, como sendo “princípio ativo da *unificação* (...) das práticas e das representações, irredutível às percepções passivas que possam sugerir alguma incoerência e fragmentação” (BOURDIEU, 1986, p. 70, grifo meu) e como “*sistema* [o que já está suposto na unificação em que toca definição anterior] de disposições duráveis e *transferíveis*” (BOURDIEU apud LAHIRE, 2013, p. 16, grifo meu).<sup>14</sup>

Afora isso, a coerência tendencial que reconhece na situação objetiva experimentada pelos atores – o contexto enquanto campo –, bem como a ação unificadora da experiência pelo Estado contribuiriam no mesmo sentido (LAHIRE, [1998] 2002, p. 21-30).<sup>15</sup>

Em consequência disso, Bourdieu teria tendido a reduzir a caracterização das disposições do ator social à de que são inter-

namente coerentes. Para melhor compreender essa versão lahiriana e para, assim, estar em condições de avaliar o alcance de sua crítica, resta revisar alguns do modelo bourdieusiano para além desta conta que Lahire dá dele.

### A posição de Bourdieu

Não obstante rejeite o objetivismo e o subjetivismo como propostas encerradas em si, Bourdieu acolhe entusiasticamente aquele em seu reconhecimento da existência de padrões de conduta e sistemas de relações independentes da intenção e da consciência de quaisquer atores, bem como acolhe este em sua consideração do papel das competências subjetivas (de percepção, representação, avaliação e demais tipos de ação) na produção do mundo social (BOURDIEU, [1980] 2009, p. 90). Uma combinação de ferramentas conceituais e explicativas de cada uma dessas abordagens mesmas lhe serviria para a investigação das práticas sociais enquanto “lugar da dialética do *opus operatum* e do *modus operandi*, dos produtos objetivados e dos

produtos incorporados da prática histórica, das estruturas externas e dos *habitus*” (BOURDIEU, [1980] 2009, p. 86-7).

Vejamos, então, como Bourdieu delinea esses produtos objetivados e dos produtos incorporados da prática histórica. Começemos pelos primeiros:

Caso se queira sumarizar a teoria geral dos campos do autor, pode-se dizer simplesmente que, para Bourdieu, todos os espaços sociais (ou *campos sociais*) são, aí, “estruturas relacionais de diferenças geradas pelo princípio de distribuição das diferentes espécies de capital válido para uma determinada sociedade” (VANDENBERGHE, [1999] 2010)<sup>16</sup> i.e., estruturas relacionais de diferenças geradas pelo princípio de distribuição dos diferentes recursos de poder válidos para um determinado grupo de agentes *estruturados em sua ação estruturante* entre eles mesmos. É possível depreender disso que a posição de um determinado agente num determinado campo social e em um determinado intervalo de tempo pode ser definida pela consideração do histórico, do estado presente e das potencialidades (a) do volume de capital de que ele se vale (isto é, dos recursos de





congruência pretendida (LAHIRE, [2002] 2004, p. 314-315, 318).

<sup>8</sup>Por exemplo, em um de seus casos de estudo (entrevista a Léa Cantelli), Lahire apontaria a distância que há entre suas crenças estéticas e suas práticas efetivas a respeito do cuidado do corpo, especificamente seu gosto declarado por roupas chiques e originais, bem como por pratos leves e delicados e seu hábito efetivo de usar roupas mais descontraídas e comuns, bem como o de comer sanduíches e pratos mais pesados e gordos (LAHIRE, [2002]2004, p. 108). Esta seria uma ilustração de incoerência disposicional. A defasagem entre crença, de um lado, e disposição para agir, de outro, seria fruto, a seu ver, de uma modalidade específica de incorporação: ao passo que as formas de agir e crer coerentes entre si viriam de uma experimentação da situação e da prática acordante com um

poder pertinentes no campo) e (b) da estrutura desse capital (i.e., da composição de todo o seu capital de acordo com o valor relativo de espécies de capital) (BOURDIEU, [1979] 2008, p. 107).

O *habitus*, por sua vez, seria um construto analítico usado para se referir a qualquer sistema de disposições para agir, sentir e pensar incorporadas por qualquer agente social (BOURDIEU, [1980] 2009, p. 87). Ele é a versão subjetivada do capital social objetivo (propriedades) de um agente (BOURDIEU, [1979] 2008, p. 107). As disposições incorporadas, elas mesmas, são, tanto quanto os campos sociais, “estruturas estruturadas [da ação social] predispostas a funcionar como estruturas estruturantes [também da ação social]” (BOURDIEU, [1980] 2009, p. 87). Podem-se traçar as origens de boa parte do que é fundamental na concepção de campo do autor no conceito de *habitus*, segundo este fora cunhado em seus primeiros trabalhos, ocasião em que nosso autor reconheceria a necessidade de se trabalhar mais “em termos de ordem e distribuição” (PINTO, [1998] 2000, p. 39).

Parece que não só o conteúdo das definições de *habitus* e campo, conforme

mencionado por Lahire (vide seção anterior), mas também a circularidade que há entre esses conceitos induziria a esperar coerência ou sistematicidade daquilo que esses conceitos subsumem – isto é, de seu conteúdo empírico. Estes são conceitos que, ambos, servem à designação do mediador da operação que, em Bourdieu, conforma a prática social – a dialética entre duas estruturas (PETERS, 2013).<sup>17</sup> São, por isso mesmo, pares indissociáveis e, enquanto pares conceituais robustos, reforçam-se.

Dito isso, há, no entanto, algo da definição anteriormente apresentada desses conceitos que merece refinamento. Este refinamento evidencia, pretende-se aqui demonstrar, certos limites da crítica lahiriana.

De fato, como dissemos, na obra de Bourdieu, é bastante comum que o *habitus* seja referido por um *sistema* de disposições *transponíveis* a situações distintas – p.ex. entre diferentes campos (BOURDIEU, [1980] 2009, p. 87) –, e a aplicação dos mesmos esquemas de percepção, ação, cognição e avaliação a uma profusão de esferas de conduta seria possível por transferência analógica (mormente pré-reflexiva).

É igualmente isso o que permite que gestos ou palavras experimentados pelo ator em contextos circunscritos possam evocar todo o sistema do qual são solidários, contribuindo, assim, para sua socialização em matérias que os ultrapassam.<sup>18</sup>

Se frisar uma tal propriedade do *habitus* tem como feliz corolário evidenciar o valor explicativo que pode haver em buscar conexões entre domínios da existência que são, em geral, analisados em separado, e em conceber a coordenação das ações de sujeitos diferentes sem precisar recorrer a mecanismos sistêmicos ou a cálculos individuais, uma consequência menos feliz disso é que se dê por desimportante questionar-se a respeito da adequação empírica dessa suposição para cada caso.

De todo modo, adequado ou não aos casos empíricos em que seja usado, há que se conceder que o esquema de Bourdieu permite alguma instância de multiplicidade intra ou extra-*habitus* sem que se precise abrir mão da sistematicidade e da transferibilidade como propriedades. Basta considerar a possibilidade de que essa multiplicidade se faça reconhecer em elementos integrados, mas em graus variáveis. A



ver-fazer e ouvir-dizer, no caso de formas de agir e crer incoerentes, as formas de agir seriam incorporadas via uma experimentação da situação e da prática em desacordo com o ver-fazer e o ouvir-dizer responsáveis pela disposição a crer incorporada (LAHIRE, [2002] 2004, p. 262).

<sup>9</sup>Ainda quanto ao caso de Léa Cantelli, Lahire apontaria, por exemplo, que o sentimento positivo de satisfação da personalidade com a experiência de trabalhar como formadora de públicos analfabetos teria a ver, em parte, com o fato de que a situação reavivava uma série de disposições por ela fortemente incorporadas (disposições anti-imposição, anti-hierárquicas e de resistência) (LAHIRE, [2002] 2004, p. 75). Este seria um caso ilustrativo de coerência disposicional. Noutra ocasião ([1999] 2001, p.132-133), Lahire faria a qualificação de que é perfeitamente possível

exigência de adaptabilidade prático-improvisativa de qualquer ação a uma infinidade de situações relativamente novas e imprevisíveis, junto à conclusão de que “não se pode inferir mecanicamente o conhecimento dos produtos do conhecimento das condições de produção” (BOURDIEU, 1984, p. 135) posto que há uma seleção, pelo *habitus*, entre estímulo objetivo e a resposta subjetiva, indicam que seus princípios constitutivos devem ser tidos como relativamente imprecisos e flexíveis e, portanto, como compatíveis com alguma incoerência interna dos cursos de ação.

Quanto ao campo, por um lado, ele é uma ferramenta analítica que permite designar ora um campo de fenômenos abrangente, ora parte dele, sem prejuízos. Isso poderia sugerir de fato, como quer Lahire, que Bourdieu suponha uma harmonia geral entre eles. No entanto, duas considerações previnem contra a elevação dessa harmonia a um grau absoluto: a insistência em que a designação de uma esfera de fenômenos como campo não pode ser aleatória – só é campo aquilo que é regido pelos mesmos princípios –, bem como em que o interesse do uso dessa ferramenta é precisamente

o de evitar os exageros, de um lado, das abordagens internalistas, e de outro, das externalistas, que desconsideram a autonomia relativa (empiricamente variável) dos campos, seja frente a um campo maior que eles componham, seja frente a uns aos outros.

Numa avaliação justa do esquema de Bourdieu, a coerência entre campos deve ser, portanto, relativa, ao passo que a coerência dos princípios geradores da ação deve ser meramente prática, em oposição a uma coerência lógica. O diagnóstico lahiano parece falhar ao ignorar esses pontos primários justamente no delineamento de sua crítica fulcral.<sup>19</sup>

### Considerações finais

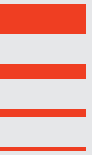
Tendo exposto acordos e reservas quanto à crítica de Lahire, concluo que, embora em certos pontos ela se prove inexata, algumas de suas proposições não devem ser ignoradas em futuras tentativas de descrição e explicação da ação social.

Enquanto crítica interna, ela guarda valor, sobretudo, porque o caso da cum-

plicidade perfeita entre *habitus* e situação foi, no conjunto da obra de Bourdieu, sistematicamente privilegiado (VANDENBERGHE, [1999] 2010) e porque mesmo em sua literatura mais recente, em que esse autor se aproxima mais do reconhecimento da natureza improvisativa e mesmo criadora do *habitus*, encontram-se declarações de que seu ajuste de antemão à situação, bem como sua harmonia interna, não obstante sejam apenas casos particulares do possível, são casos *particularmente frequentes*, e de que a ordem social tenha a tendência de perseverar em seu ser (*conatus*) (BOURDIEU, [1997] 2001, p. 177,186).

O seguinte trecho de *An Invitation to a Reflexive Sociology* (1992) ilustra bem essa dança de conclusões mais ou menos conflitantes:

O *habitus* não é a sina que algumas pessoas reconhecem nele. Sendo produto da história, ele é um sistema aberto de disposições que está constantemente sujeito a experiências que reforçam ou modificam suas estruturas [nota: para além dos efeitos de certas trajetórias, o *habitus* pode ser transformado, também, via sócio-análise, i.e., via um des-



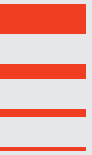
que certos hábitos sejam interiorizados duravelmente sem que haja, da parte do sujeito, qualquer gosto em atualizá-los. Ao contrário do que sugeriria o caso anteriormente citado, competência e apetência não andam necessariamente de mãos dadas. Como contraexemplos disso, o autor citaria casos de amantes da leitura com competências de leitura falíveis, bem como pessoas com alta competência linguística, graças a sua formação, que não têm particular apreço pela leitura. Gosto, desgosto ou indiferença quanto a atualizar uma disposição dependeriam de uma série de fatores, dentro os quais seu modo de aquisição, do momento da trajetória do indivíduo em se a adquire ou se a atualiza etc.

<sup>10</sup>Essa tendência se acirraria tanto mais quanto maior o número de produtos e atividades considerados na análise.

partar da consciência e uma forma de ‘auto-trabalho’ que permite ao indivíduo controlar suas disposições (...). A possibilidade de eficácia desse tipo de auto-análise é, em si, determinada em parte pelas estruturas originais do *habitus* em questão, em parte pelas condições objetivas sob as quais o despertar da consciência ocorre (...).<sup>20</sup> Ele [o *habitus*] é durável, mas não eterno! Tendo dito isso, eu devo imediatamente acrescentar que há uma probabilidade, inscrita no destino social associado a condições definitivas, de que experiências confirmem o *habitus*, porque a maioria das pessoas estão estatisticamente comprometidas com se deparar com circunstâncias que tendem a concordar com estes [seus *habitus*]. (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p.133, tradução minha).

A crítica lahiriana demonstra, ainda, muito equilibradamente o interesse da sociologia individual. Historicamente, enquanto disciplina acadêmica, a sociologia parece ter dirigido seu olhar às variações entre civilizações, épocas, sociedades, grupos, classes (ou subcategorias destes) e, mesmo na microsociologia interacionista, às situações socialmente tipificadas.<sup>21</sup>

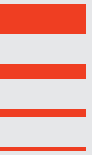
Raras vezes, de fato, como sugere Lahire, esse olhar alcançou o nível das variações inter e intraindividuais propriamente ditos. Como, no entanto, lançar luz sobre as minúcias da aquisição e da condução de competências quando se o ignora?



<sup>11</sup>Vejam os exemplos mais concretos disso. Em sua vigésima primeira entrevista da obra, Lahire dissecaria o perfil cultural de Brigitte, uma professora de letras de trinta e sete anos de idade, oriunda das classes médias. Ela é casada com um homem de nível sociocultural consideravelmente menor que o seu e tem três filhos. Socializada de maneira intensa por uma formação escolar literária, Brigitte não conheceu, todavia, socializações similares nos campos culturais da música, do teatro, da dança ou do cinema. Ela não detesta os lazeres de pura diversão, considerados culturalmente pouco legítimos: vai à boate cinco a seis vezes por mês, vai a bailes públicos e a festas de feira, concertos de rock e música pop. Em compensação, nunca esteve em uma sessão de caraoquê. No que diz respeito às saídas culturais mais legítimas, Brigitte vai pouco ao teatro e nem sempre com gosto;

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. (1979) **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1980) **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 1984.
- \_\_\_\_\_. P. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 62-63, p. 69-72, 1986.
- \_\_\_\_\_. **La Noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Minuit, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1997) **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. J. D. **An invitation to reflexive sociology**. London/Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- BOLTANSKI, Luc. (2009) **On critique: a sociology of emancipation**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2011.
- GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays in face to face behavior**. Chicago: Aldine Pub. Co., [1967] 2005.
- LAHIRE, Bernard. (1998) **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1999) De la théorie de l'habitus à une sociologie psychologique. In: LAHIRE, Bernard (Org.). **Le travail sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques**. Paris: La Découverte, 2001.
- \_\_\_\_\_. (2002) **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



vai pouco a exposições de pintura, mas nunca às de fotografia, aos museus de ciências, aos espetáculos de dança e aos concertos de música clássica. Por outro lado, a professora tem o hábito de ler muito, desde magazines e revistas de diversos tipos até histórias em quadrinhos, poesias, livros de arte, livros de história e romances franceses e estrangeiros – em geral, dos relativamente legítimos que tratam de estórias de amor, como *O diário de Bridget Jones*, aos inquestionavelmente muito legítimos; rejeita, no entanto, veementemente os *livros comerciais*. Quanto a seu gosto musical, suas escolhas são nitidamente menos legítimas: muito pop e rock, nada de jazz ou música clássica e muito pouco de ópera. A televisão, por sua vez, é assistida com muito escrúpulo (nada de programas *baixos* como *reality shows* ou programas de auditório, umas poucas séries e o foco nos pro-

\_\_\_\_\_. (2004) **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. (2005) **El espíritu sociológico**. Buenos Aires: Manantial, 2006.

\_\_\_\_\_. (2013), O singular plural. **Cadernos do Sociólogo**, v. 3, n. 4, p. 16-26. Tradução de Thiago Panica Pontes.

OLIVEIRA, Laura S. L. **Sobre a força do hábito: estudo da controvérsia acerca da coerência interna das disposições a partir das obras de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire**. Monografia (Bacharelado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2013.

PINTO, Louis. (1998) **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PONTES, Thiago P. **Esquemas disposicionais e reflexividade: elementos para uma abordagem dialética**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, 2009.

VANDENBERGHE, Frédéric. (1999) O real é relacional: uma análise epistemológica do estruturalismo gerativo de Pierre Bourdieu. In: **Teoria social realista: um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: Editora UMG, 2010.



gramas culturais, nos jornais informativos e nos documentários). Os gostos cinematográficos de Brigitte tendem a ser também mais legítimos (não vê o que chama de *coisas ridículas de americanos* ou comédias pastelão no cinema e prefere os filmes de autor, apesar de que, diante da televisão ou usando o videocassete, se permita uma seleção *mais relaxada*) (LAHIRE, [2004] 2006, p. 126-30).

<sup>12</sup>Uma exposição mais detida disso e dos problemas que certos pontos causam à abordagem lahariana pode ser encontrada em minha monografia sobre o mesmo tema (OLIVEIRA, 2013).

<sup>13</sup>Há que se ter em mente, em primeiro lugar, que dizer de um ator social que ele é participante ativo não implica dizer que ele seja necessariamente um participante consciente. Em segundo lugar, cabe mencionar que o recurso de Lahire à abordagem disposicional denuncia, por si só, a importância que o autor concede às experiências passadas incorporadas por cada ator na configuração de sua ação (LAHIRE, [1998] 2002, p. 59). O presente teria, porém, mais peso na explicação dos comportamentos, das práticas ou das condutas, se os atores são tidos por internamente plurais. Quando um ator é socializado em condições pelo menos experimentadas como sendo particularmente co-

erentes entre si, duas reações às novas situações que se lhe podem apresentar são bastante previsíveis. Nesse caso, os acontecimentos são meros desencadeadores da ação, ao passo que a disposição incorporada pode ser tida como sendo seu verdadeiro determinante. Em seu próprio modelo, ao contrário, Lahire preferiria falar, quanto à disposição incorporada e ao seu ambiente de atualização, de *parceiros disposicionais recíprocos* (LAHIRE, [1998] 2002, p. 51).

<sup>14</sup>Transferibilidade e sistematicidade são propriedades supostas do *habitus* intimamente solidárias, Lahire notará. Isso fica claro na menção elogiosa que faz a certo esquema interpretativo para o comportamento humano proposto por Jon Elster, em que figuram, entre os hábitos, efeitos de transbordamento (que os reforçam uns aos outros), efeitos de soma nula (que anulam a possibilidade de atualização contextual de outros) e efeitos de compensação (que fazem recorrer, no que não se podem suprir as necessidades em face das quais se encontra, por meio de um hábito, a outros) (LAHIRE, [1999] 2001, p. 137). O efeito de compensação, note, supõe a multiplicidade interna; o de soma nula, a multiplicidade interna, bem como a eventual incoerência. A transferibilidade, também perfeitamente compatível com essa imagem

de disposições heterogêneas, é, no entanto, ao contrário dos demais efeitos mencionados, igualmente adequada à imagem de disposições homogêneas.

<sup>15</sup>Ver mais sobre campo e *habitus* na seção seguinte.

<sup>16</sup>Sendo que o espaço, sem maiores qualificativos, seria “qualquer coisa que seja topologicamente construída como uma estrutura relacional de diferenças geradas por um princípio” (VANDENBERGHE, [1999] 2010).

<sup>17</sup>A estrutura relacional que forma o campo experimentado até então pelo sujeito da ação, bem como seu *habitus*, frente um ao outro, dão forma e habilitam a atualização da ação desse sujeito – ação esta que, por sua vez, estruturará o campo a ser experimentado a partir de então, bem como seu *habitus*.

<sup>18</sup>Vide o que frisa o seguinte trecho: “O artifício da razão pedagógica reside precisamente no fato de extorquir o essencial sob a aparência de exigir o insignificante, como o respeito das formas e as formas de respeito que constituem a manifestação mais visível e, ao mesmo tempo, mais ‘natural’ da



submissão à ordem estabelecida ou as concessões de polidez, que sempre encerram concessões políticas.” (BOURDIEU, [1980] 2009, p. 87).

<sup>19</sup>Não se pode concluir, porém, que Lahire ignore completamente essas mesmas particularidades, posto que as menciona em outras ocasiões. O que noto é que não as considera e incorpora à crítica específica de que tratamos.

<sup>20</sup>Vale mencionar, sobre esse ponto que, a certa altura de *Meditações Pascalianas*, Bourdieu traçaria uma distinção interessante entre a reflexividade que corresponde a uma prática de sócio-auto-análise e a reflexividade, que é fruto de um efeito de histerese. Enquanto a primeira é voltada fundamentalmente para o sujeito da prática, a última é voltada para a prática em si e se faz por intermédio dos movimentos do corpo (BOURDIEU, [1997] 2001, p.197). Isso indica que a readequação reflexiva das disposições talvez tivesse de induzir à produção de um maior grau de homogeneidade interna se feita por via de socioanálise, dado que esta, enquanto autoanálise, teria de se sustentar num fundamento egoico, num eu relativamente fixo durável.

<sup>21</sup>“Presumo que o estudo apropriado da interação

*não é o indivíduo e sua psicologia, mas sim as relações sintáticas entre os atos de diferentes pessoas mutualmente presentes umas às outras.* Não obstante, já que são os atores individuais que contribuem com os materiais definitivos, sempre será razoável perguntar que propriedades gerais eles devem ter se esse tipo de contribuição deve ser esperada deles. (...) Que modelo mínimo do ator é necessário que se lhe demos uma forma definitiva e pomos entre seus pares, garantindo que um tráfego de comportamento ordeiro emergja? Que modelo mínimo é requerido se o estudante deve antecipar as linhas ao longo das quais um indivíduo, *qua* interator, possa ser eficaz ou falhar? (...) Uma psicologia está necessariamente envolvida, mas uma simplificada e modelada para servir ao estudo sociológico das conversas, das reuniões, dos banquetes, dos julgamentos por júri, da vadiagem nas ruas. *Não, então, os homens [sic.] e seus momentos. Mais exatamente, os momentos e seus homens [sic.]*.” (GOFFMAN, 2005 (1967), p. 2-3, grifos meus). Agradeço enormemente a Gabriel Peters por chamar atenção para esse ponto sobre o situacionalismo e pela indicação desta citação. Descobri, posteriormente, a mesma opinião em Bourdieu e Wacquant (1992, p.16).